



Na cidade, entre textos e contextos, conhecemos um povo indígena

Cintia G - Lorangeira

Professora, Mestre em educação

Instituição: FFP/UERJ

RESUMO

As cidades, cada vez mais, vem se transformando em grandes formigueiros humanos. No Brasil, mais de 90% da população vive em cidades, de maneira que nela convivamos com ampla diversidade de textos, sons, cheiros.

Palavras-chave: População, Humano, Cidade.

1 INTRODUÇÃO

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução (BENJAMIN, 1995).

As cidades, cada vez mais, vem se transformando em grandes formigueiros humanos. No Brasil, mais de 90% da população vive em cidades, de maneira que nela convivamos com ampla diversidade de textos, sons, cheiros. Nesse sentido, para além de entender a cidade como meros corredores pelos quais circulamos ou como territórios dos quais sempre estamos nos defendendo da violência, esse relato propõe olharmos um fragmento de experiência, vivido a partir de um projeto pedagógico, envolvendo esse território com outra perspectiva.

Entre textos e contextos, convidamos olhar para a cidade como espaço intrínseco e dialógico com as experiências do humano. As cidades, então, tornam-se espaços formativos de nossas subjetividades e identidades individuais e coletivas, portanto, não podem ser apartadas de nossas aprendizagens.

Esse espaço polifônico e polissêmico nos convoca a pensar nossas relações de aprendizagens de maneira mais complexa e “trapeira” (BENJAMIN, 1995), compreendendo que muitas vezes o que não é visto ou é desprezado nos usos do território se tece nos múltiplos sentidos evocados pela experiência cidadina; e, podem ser os retalhos que buscamos para tecer novos conhecimentos.

Para dar novos sentidos ao caminhar, buscamos educar o olhar para além do que o olho vê, mas o que é possível sentir, ouvir, emocionar, ampliando nossas sensações e nossas vivências. Inspiradas em Diego (GALEANO, 2002), que pede ajuda ao seu pai para olhar, fizemos o convite às crianças de olhar a cidade em que vivem, na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, em seus textos e contextos e, assim, nos alfabetizarmos em toda sua diversidade. Afinal, tal município, que cresce em sua urbanização nas



últimas décadas, também abrange áreas litorâneas e rurais muito características da região de Mata Atlântica, pelas quais há muitos anos a cidade é conhecida.

Em diálogo com o “Centenário de Darcy Ribeiro”, proposto pela rede e com as perspectivas discursiva (SMOLKA, 2012) e transdisciplinar (GALLO, 1995) com as quais o grupo trabalha; foi apresentado um projeto pedagógico para o ano letivo de uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pelo qual pudessem conhecer o município em que vivem em sua diversidade, abarcando a riquíssima diversidade cultural, histórica e geográfica da cidade.

Embora conheçamos muito sobre o intelectual Darcy Ribeiro, nos inspiramos no Darcy antropólogo e indigenista para essa experiência e relato de conhecer povos e culturas indígenas que convivem de maneira tão aproximada no município: o povo Guarani Mbyá.

É sobre essa experiência que submetemos aqui nosso relato, que envolveu uma aula-passeio (FREINET, 1998) à uma aldeia indígena, em de agosto de 2022.

Os dedos não são capazes de expressar tantas maravilhas das aprendizagens. Não são tão velozes quanto as emoções que nos tomam diante de experiências significativas que tentamos traduzir (ou seria reduzir?) em palavras quanto a sua grandiosidade! Talvez seja essa uma das razões que a escrita nos é tão cara, mas tão difícil! Contudo, como dizia Darcy Ribeiro (s/d), “escrever é ter coisas para dizer”, então começamos a dizer: nossas retinas, ouvidos, todo o corpo registrou muito dessa experiência com as crianças e com todas as pessoas que estiveram envolvidas. Inclusive com as famílias das turmas que confiaram massivamente na proposta apresentada, resultando na presença de quase todo o grupo em nossa “aventura”. Sim, foi uma aventura!

Nossa proposta, fundamentada, além de outras autoras e autores, em Freinet (1998), era uma aula-passeio. Saímos de nosso ambiente familiar de aprendizagens, a escola, em um movimento de aproximação para pensar estratégias pedagógicas outras de humanização e sensibilização sobre o tema dos povos indígenas - sua diversidade étnica, linguística e cultural - tão recheado de noções preconcebidas construídas ao longo de nossa história, buscando superar ideias uniformizantes ainda tão presentes em nossa sociedade. Desse modo, além de olharmos a realidade mais objetivamente, também incluímos todos os nossos sentidos na maneira como a experienciamos. Foi possível perceber que todos os sentidos das pessoas envolvidas (adultas e crianças) estavam presentes em todos os momentos de nosso dia: foi lindo de ver!

Começamos recebendo as crianças na escola e organizando o almoço. O ônibus chegou no horário! Os deslocamentos aconteceram como combinado com as crianças: elas estavam presentes e comprometidas com nossas propostas e acordos. Contudo, o mais importante em nossa viagem de ida (e numa importante dimensão da educação) revelou-se num incidente: o pneu do ônibus furou no meio do caminho, numa das ermas ruas do bairro. Ficamos paradas esperando cerca de 40 minutos outro ônibus chegar e, embora as crianças tenham ficado ansiosas (como nós) por chegar ao nosso destino, por ficarmos paradas no meio do



caminho, pela supressão de nossos tempos de experiência na aldeia, emergiu o sentimento e a relação de confiança construído entre crianças e professoras. Enquanto resolvia-se a questão mecânica, provocamos diálogos e brincadeiras, além da conscientização sobre aquele tempo, que não precisava ser apenas sofrido, mas também educativo de nossas emoções e nossos corpos, tão reais quanto a própria vida com seus imprevistos.

Era uma situação problema, ou como diria Freire (1992), uma “situação limite”, mas como passamos por ela é que foi importante para que os demais tempos de nosso dia não fossem subtraídos de experiência frutiva por emoções negativas. Através de propostas educativas inclusivas, discursivas e críticas construídas com o grupo no decurso deste ano, pudemos presenciar o “inédito viável” (FREIRE, 1992) produzido nesse “ato limite” (idem).

Foi com a chegada de outro ônibus que nossa viagem deu sequência e já chegando no território da reserva indígena, as crianças começaram a perceber que estávamos próximas de nosso destino e ali começaram a fazer suas hipóteses. Como são “pesquisadeiras” as crianças!

Mesmo com toda ansiedade, continuaram comprometidas com nossos combinados. Organizaram-se na chegada. Foram atentas durante a apresentação e palestra de nosso anfitrião – indígena do povo Guarani Mbyá que nos recebeu e ciceroneou durante nossa tarde. De longe tínhamos também outro menino Guarani, que horas se afastava, horas se aproximava do grupo. Era um pouco mais velho que nossas crianças, já em idade de ser um adolescente. Mas estava curioso com o grupo alegre e barulhento que chegava em “sua casa”, talvez tanto quanto estavam as crianças sobre conhecer o lugar. E, num momento final do dia, aproximou-se e interagiu com as crianças diretamente.

Todas as pessoas (de maneira mais aproximada foram três: o indígena que nos recepcionou, o menino Guarani e a indígena que nos atendeu da “casa de artesanato”) que estiveram em contato conosco do povo Guarani foram muito acolhedoras e generosas, fazendo com que nossos tempos, muito encurtados pelo incidente do pneu furado, fossem aproveitados com leveza e fruição.

Passeamos em grupo até o canal e pelo caminho fomos apresentadas às vegetações mais significativas daquele percurso, que escrevemos aqui fora da ordem de acontecimentos, como as árvores do jenipapo, que produz a tinta preta misturada com carvão para as pinturas corporais; ao fruto do urucum, tão conhecido por nós como tempero culinário, mas que também é utilizado para a produção de tinta vermelha; e a outra árvore que produz sementes para a produção do artesanato Guarani. Quanto mais nos aproximamos de leituras e conhecimentos sobre povos indígenas, mais compreendemos que sua cosmologia de vida é muito integrada e orgânica, nos fazendo concluir que suas produções, em qualquer dimensão, são parte de suas histórias e culturas, que também integram-se e dialogam com as memórias e culturas humanas, com as quais temos muito a aprender. A vida do trabalho, da educação, do privado, do público, da espiritualidade,



não ocupam tempos diferentes e hierarquizados, mas integram suas vivências no que é a própria vida em si. São tempos outros.

No percurso até o canal as crianças foram aproximando-se mais do indígena, conversando, trazendo suas perguntas e escutando sobre o dia a dia do povo Guarani. Foi impressionante a generosidade de nosso anfitrião, mas também sua serenidade. Isto é, nós, o povo da cidade, em total aceleração e extremamente atravessadas por Chronos e pelos tempos que precisaríamos aproveitar, tentamos acelerar e compactar o tempo tanto quanto possível para extrair o máximo de experiências no curto período que nos restava; tínhamos perguntas, curiosidades mil. Contudo, Amarildo continuou nos contemplando com sua presença e seus saberes, mas sem deixar-se afligir em seus tempos e em sua comunicação. Lindo de ver!

Sem dúvida tivemos que fazer escolhas em nossa visita abreviada, mas conseguimos viver as experiências com maior inteireza. Conhecemos algumas de suas vivências com a natureza, o artesanato produzido pelas famílias Guarani da aldeia. Pudemos nos maravilhar com seu sentimento de solidariedade, também construindo aprendizagens sobre economia solidária!

Nosso encontro foi, sem dúvida, vivido com momentos de trocas sensíveis e honestas: nosso anfitrião com muita vontade de nos mostrar as vivências de seu povo e as crianças querendo muito aprender sobre elas.

Em nossa visita, os corpos caminhantes, de crianças e adultos, integravam-se ao lugar, dialogavam uns com os outros e desconstruíam seus equívocos com a simples atividade de “estar”!

Aprendemos muito com o povo Guarani, representado nas pessoas que nos acompanharam; bem como com nossas crianças. O quanto esse povo queria nos contar e quanto as crianças queriam aprender foi uma comunhão educativa, sem dúvida! Terminamos o diálogo com uma resenha muito significativa de uma das crianças sobre nossa experiência de aproximação e respeito com as diferenças: “tia, as coisas que eu mais gostei de hoje foi a casa de artesanato e jogar futebol com o menino indígena”! A aula-passeio (FREINET, 1998) de hoje foi uma experiência epistemológica que, em muitas de suas acepções nos colocou em relação (temporal, afetiva, narrativa, linguística e até matemática) educativa. Viva as lógicas outras que coexistem ainda conosco em nossa sociedade cada vez mais excludente e atomizada – são elas que nos fortalecem na esperança freireana (1992).



REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. (1995). Charles Baudelaire – um lírico no auge do capitalismo (Obras escolhidas III). São Paulo: Brasiliense.

FREINET, C. (1998). Ensaio de Psicologia Sensível. São Paulo: Martins Fontes.

FREIRE, P. (1992). Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GALLO, S. (1995). Conhecimento, transversalidade e Currículo. Anped, 18, p. 97.

MASSCHELEIN, J., & SIMONS, M. (2014). A pedagogia, a democracia, a escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SMOLKA, A. L. (2012). A criança em fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez.